

## **EMPREENDEDORISMO INDÍGENA E SUSTENTABILIDADE: O JOGO DA EMPATIA**

**Estudantes: Calebe Cruz, Elisa Macedo de Campos, Francielly Sousa e Oliveira**

**Orientadores: Gyzely Suely Lima, Walter Ferry Dissmann**

**Escola: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro - Campus Uberlândia Centro**

### **Resumo**

No cenário atual do mercado brasileiro, se tornar um empreendedor pode representar uma forma de sobrevivência. Empreendedorismo, então, entendido como a capacidade de coordenar, aprimorar e realizar projetos, não exclui de forma alguma a população indígena. Dessa forma, o indígena pode utilizar desses métodos abrindo pequenos mercados, vendendo artesanato produzidos em suas terras de forma sustentável, numa tentativa de se inserirem na economia do Brasil. Entretanto, ainda se encontra um número elevado dessas pessoas, originadas de uma etnia heterogênea em desemprego, até mesmo na pobreza extrema. Além disso, esses povos estão restritos a microterritórios, quando não migrantes, flagelados pelas precárias condições de plantio, vivenciando conflitos interétnicos e tensões com fazendeiros e posseiros. Por isso, o empreendedorismo se mostra uma ferramenta para sobrevivência. Nesse sentido, buscamos apresentar um levantamento de dados sobre empreendedores indígenas em fontes governamentais e organizações não-governamentais para entendermos a realidade desses povos. Dos resultados analisados, criamos um jogo em que o jogador irá passar os níveis encarando os desafios passados pelos indígenas. Assim, pretendemos que, de forma lúdica, possamos criar a oportunidade para pessoas se informarem, terem empatia e solidariedade pelas comunidades indígenas brasileiras.

**Palavras-chave:** Empreendedorismo, Sustentabilidade, Sobrevivência, Indígena, Jogo.

### **Introdução e justificativa**

“Aos poucos foi se cobrindo as ‘vergonhas’ dos índios, retirando suas armas, branqueando a cor da sua pele e o sentimento de sua religiosidade. A natural nudez virou vergonha, a religião crença, a língua dialeto, o direito costume” (Souza Filho, 1998, p. 3). Ao longo de nossa história, com o processo de colonização, as comunidades indígenas foram exploradas e violentadas. Tradicionalmente, ainda são consideradas invisíveis e muitas vezes excluídas das estatísticas. A exemplo disso, raramente se encontra dados sobre desemprego indígena.

De acordo com a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), a partir da década de 90, quando o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) passou a incluir os indígenas no censo

demográfico nacional, a porcentagem de brasileiros que se considerava indígena cresceu 150%. Atualmente, cerca de 17,5% deste contingente não fala a língua portuguesa, podendo se expressar por meio de 274 línguas nativas diferentes. Em vista disso, surge o questionamento acerca do modo em que esta parcela da população, historicamente discriminada, se insere no contexto social.

Diante do atual cenário econômico e social brasileiro, a importância do seguinte trabalho consiste em dar visibilidade à situação dos grupos em questão. Em função dos últimos acontecimentos, como o acirramento entre as disputas territoriais em terras indígenas, focos de incêndio e aumento do desmatamento na Floresta Amazônica, o tema trabalhado é de grande relevância. Deste modo, restritos a microterritórios, flagelados pelas precárias condições de plantio, vivenciando conflitos interétnicos e tensões com fazendeiros e posseiros, o empreendedorismo se mostra uma ferramenta para sobrevivência.

Desde a Constituição de 1988, está garantido o direito de buscar integração mantendo intacta sua cultura, como forma de preservação. Contudo, são muitos os desafios para se inserirem na economia brasileira. A falta de instrução e recursos, isolamento e discriminação, fazem referência ao fato de que 38% da população indígena viva na pobreza, de acordo com a ONU, em 2010. Assim, o empreendedorismo consiste numa saída para uma nova realidade, até mesmo fugindo da insegurança alimentar.

Neurilene Kambeba, de 31 anos, é uma empreendedora da etnia kambeba que mudou a realidade de sua aldeia. Ao abrir uma mercearia, em 2007, a mãe de três filhos, que antes remava até outra comunidade para itens de necessidade básica. Hoje, também administra juntamente com seu marido, um restaurante como fonte de renda. Desta forma, o empreender representou uma melhoria na qualidade de sua família e de sua aldeia.

São diversos os casos de empreendedorismo, os quais frequentemente se relacionam com o artesanato, turismo e comércio. Demonstrando a importância de tais casos, o estado do Amazonas passou a oferecer programas de ensino e aperfeiçoamento na área econômica, somente a partir do ano de 2018. Contudo, ainda não se alcançou a excelência nesse sentido, uma vez que é preciso se ter consciência das especificidades de cada caso e ter maior alcance.

## Objetivos

De acordo com o Censo Demográfico, feito pelo IBGE em 2010, Minas Gerais é o quarto estado com maior número de indígenas no país. Posto isto, a pesquisa descrita neste projeto tem como principal objetivo dar visibilidade à situação econômica e social desse grupo, que representa uma parcela da população mineira, e da população brasileira como um todo.

Além disso, por meio do resultado das pesquisas, denunciar o negligenciamento por parte da sociedade em geral, demonstrando através de dados e questionamentos a falta de representatividade e pertencimento. Contudo, este trabalho visa trabalhar estas questões de forma prática e lúdica, de forma que terá como produto final o desenvolvimento de um jogo.

Com o intuito de reforçar os dados da pesquisa, retomar as discussões propostas e divertir o participante, o jogo será do modelo pixel e terá como personagem principal um índio, em que o *player* deverá ir em busca das leis que o protegem para passar à fase em que estará e prosseguir no jogo, o *player* deve chegar ao final de tal para conquistar a lei que o defende, porém deverá derrotar o inimigo respondendo questões, se a resposta for incorreta o *player* retornará ao início. Terá no total quatro fases onde irá abordar épocas diferentes.

## Metodologia

O método utilizado durante o projeto consiste, sobretudo, na pesquisa qualitativa e bibliográfica. Por meio da internet e de entrevistas, como a entrevista feita com a atual líder do Movimento dos Indígenas não Aldeados do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba (MInA) Kawany Lourdes Tupinambá, buscamos conhecer casos de empreendedorismo indígena, com o intuito de entender como se organizam economicamente e sua relação com a sustentabilidade, como também a forma como estão inseridos na sociedade uberlandense.

Além disso, nossa metodologia vai além de buscar entender como essas pessoas estão situadas social e economicamente. Como produto do projeto, desenvolvemos um jogo em que o *player* deverá ir em busca das leis que o protegem para passar à fase e prosseguir no jogo. Para conquistar a lei que o defende, deverá derrotar o inimigo respondendo questões, se a resposta for incorreta o *player* retornará ao início. Terá no total quatro fases, cada qual abordando uma época diferente. Sendo assim, será possível gerar no jogador participante uma reflexão acerca dos

problemas ainda enfrentados pelos indígenas. São muitas as dificuldades a serem superadas, e o jogo consiste numa forma de trazer à tona estas questões, como forma de gerar empatia.



**Figura 1:** Estudantes Elisa Macedo e Francielly Oliveira ao lado da Cacique Kawany Lourdes Tupinambá, no dia 19/09/2019.

## Resultados e Discussão

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, levantamos como discussão a exclusão da etnia indígena, muitas vezes não considerada como brasileira. Além disso, abordamos temas como a falta de indígenas no mercado de trabalho regular, sendo obrigados a se submeterem a condições desumanas de trabalho e sobrevivência. Também, discutimos a formação profissional dos indígenas no que tange ao sistema de cotas para ingressar em uma universidade, em que alguns deixam sua identidade indígena de lado por causa do preconceito, ou ainda encontram dificuldade para se manter estudando.

Dessa forma, abrimos espaço para mostrar como esse povo vem avançando na economia brasileira. Usando, por exemplo, o empreendedorismo como uma forma de sobrevivência e também a sustentabilidade, pois dentro de suas aldeias eles utilizam de métodos como troca de pertences e reutilização de materiais, e isso é de grande importância, porque além de ser algo favorável a natureza, é algo que representa a cultura deles.

## Conclusões

Ainda podemos encontrar grande desigualdade entre a etnia indígena e o restante da população brasileira, apesar disso conseguimos observar um grande avanço em tantos desafios em

que eles enfrentam. Pois, mesmo com tantos preconceitos, disputa de direitos, entre outros, eles se mantêm firmes.

Essa pesquisa foi de suma importância porque dessa forma conseguimos aprimorar nossos conhecimentos sobre a cultura indígena na perspectiva da área de conhecimento da Administração, de modo a percebermos o quão pouco é ensinado sobre essa temática nas escolas. Somente por meio deste estudo que redefinimos concepções sobre empreendedorismo indígena porque a informação pesquisa de forma crítica nos propiciou construir conhecimento mais aprofundado sobre o assunto.

## Referências

BRUNO, Cássio. **ONU: 38% da população indígena vive na pobreza**. 2010. Disponível em: <<http://bit.do/e9dkp>>. Acesso em: 18 set. 2019.

Nações Unidas Brasil. **Indígenas, negros e mulheres são mais afetados por pobreza e desemprego no Brasil, diz CEPAL**. 2016. Disponível em: <<http://bit.do/e9dkv>>. Acesso em: 18 set. 2019.

SANTILLI, Juliana. **Atividades econômicas**. 2000. Disponível em: <<http://bit.do/e9dk9>>. Acesso em: 18 set. 2019.

HENRIQUES, Camila. **Índios aderem ao empreendedorismo na floresta após vida difícil em aldeias**. 2015. Disponível em: <<http://bit.do/e9dmD>>. Acesso em: 18 set. 2019.

NEGÓCIOS & IDEIAS. **Programa educacional do Governo do Amazonas vai ensinar empreendedorismo a indígenas**. 2018. Disponível em: <<http://bit.do/e9dmR>>. Acesso em: 18 set. 2019.

IBGE. **Mapas Indígenas**. 2010. Disponível em: <<http://bit.do/e9dne>>. Acesso em: 18 set. 2019.

COSTA, Roseane Guimarães Cabral. **DIREITO DOS POVOS INDÍGENAS E SUSTENTABILIDADE: desafios de ser/sobreviver como Cocama longe da terra indígena**. Disponível em: <<http://bit.do/e9dqb>>. Acesso em: 18 set. 2019.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; DOEBBERI, Michele Barcelos; BRITO, Patricia Oliveira. **Estudantes indígenas em universidades brasileiras: um estudo das políticas de acesso e permanência**. 2018. Disponível em: <<http://bit.do/e9duF>>. Acesso em: 19 set. 2019.